

Fenomenologia do corpo poético e educação dos sentidos

Helciclever Barros da Silva Vitoriano

FERREIRA, Gilmar Leite. *Corpo e poesia: para uma educação do sensível*. Curitiba: Appris, 2017. 149 p.

Gilmar Leite Ferreira é professor do Departamento de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e tem dedicado parte de seus esforços de pesquisa à educação literária, com foco na educação poética. Publicou, em 2017, o livro *Corpo e poesia: para uma educação do sensível*, no qual se nota o referido recorte teórico já no título, dado que as formas de apreensão do sensível e da produção de novos sentidos são temas centrais nos estudos de linguagem poética, quando esta é abordada como um fenômeno, categoria básica de análise nos estudos de fenomenologia.

Ferreira enfatiza a sua perspectiva norteadora nos seguintes moldes:

[...] a educação do sensível [dá-se] por intermédio da relação Corpo e Poesia, para uma melhor percepção do sujeito que se percebe e percebe o mundo por meio da sensibilidade [...]. O corpo é feito de palavras, expressões e comunicações. [...] a poesia como expressão do sentido habita a palavra [...] podemos perceber o gosto das coisas quando as palavras poéticas nos afetam (p. 9).

Nessa dinâmica, educar-se é também sentir o mundo poeticamente.

Para evidenciar a proximidade entre fenomenologia e educação poética, o autor empreende algumas experiências no interior do estado do Rio Grande do Norte, por meio de oficinas de leitura e de criação poética, realizadas na rede de educação básica. É nessa teia de relações que ele analisa a criação e o entendimento dos variados modos de sentir, ler e construir poeticamente, realçando camadas perceptivas e sensoriais, próprias da tessitura da poesia, e que se poderia denominar de uma “fenda fenomenológica”, apresentada como outro modo de ver, sentir, cheirar, respirar e

compreender a realidade; até porque, é pertinente lembrar sempre: ontologicamente, só é possível pensar em realidades plurais. Nasce, desse modo, um novo mundo instaurado pela visão poética. É nesse jogo entre reflexões poético-filosóficas e suas relações com o chão escolar que se situa a contribuição da obra de Ferreira em exame.

Apoiado em Maurice Merleau-Ponty, o autor declara que

a atitude fenomenológica para compreender o corpo, a poesia e a educação mostra, por meio da experiência vivida, a compreensão da linguagem corpórea, da criação poética e da educação sensível, como horizonte de sentidos, sempre em expansão, antes de qualquer formulação ou ideia (p. 16).

E é a experiência do sentir e do gostar (experiência estética) que proporciona a concepção poética, dando condições para o sujeito conhecer a si próprio e o mundo, de modo inicialmente inseguro, tal qual pisar um terreno desconhecido em plena escuridão. Aos poucos, no convívio com tais textos, o leitor e apreciador de poesia amplia sua cosmovisão pela leitura e pela compreensão textual significativas, compartilhadas com outros leitores.

Ferreira testa suas reflexões e seu método de orientação fenomenológica nos municípios de Assu, Apodi, Caicó, Mossoró, Pau dos Ferros e Umarizal. O gênero literário escolhido é a literatura de cordel. Segundo o autor, “em cada oficina de poesia, foi possível perceber um viver poético por meio da expressão criativa dos envolvidos, revelando o prazer e a alegria em compartilhar a experiência estética e dialogar [com] a visão de mundo de cada participante” (p. 21). Acerca da dimensão indissociável das instâncias fenomenológicas, diz ele: “não há como separar o corpo da poesia, porque ambos fazem parte de um mesmo processo de inter-relações. O olhar corpóreo produz poesia como a poesia produz a linguagem corporal [...] faz parte do corpo, como a árvore faz parte da terra” (p. 25).

De acordo com o autor, “o estado prosaico, de certa maneira, tem afastado a poesia do cotidiano das pessoas por causa de uma vida mecanicista, embalado pelos desajustes sociais e pela inversão de valores, fruto de um capitalismo desagregador e selvagem, que, de certa forma, embrutece o espírito humano” (p. 27). Contudo, cabe uma ressalva, visto que a poesia moderna e a contemporânea se aproximaram fortemente, em termos temáticos, do cotidiano e, de forma paradoxal, reclama o autor que a leitura poética tem sido deixada em segundo plano. Essa premissa admite questionamentos, especialmente pelas experiências de leitura de poemas no ciberespaço e pelas novas formas de criação poética oriundas dos meios digitais e das tecnologias da informação, o que tem resultado em inovadoras mediações no universo da poesia.

Ademais, há um discurso um tanto hegemônico no qual se afirma que os jovens não leem, sobretudo os textos poéticos. Entretanto, os estudos sobre leitura apontam o contrário, principalmente ao se reposicionar os conceitos de poético, poema, poesia, texto, livro, obra, literatura, leitor, leitura, modos ler, recepção etc. A própria abordagem fenomenológica de Ferreira sustenta tal ambivalência, pois

a urgência de uma educação fenomenológica aproxima o saber da vida com o mundo das epistemologias, fundamentadas nos estudos e na compreensão do saber constituído. [...] Esse entrelaçamento torna o campo do saber mais amplo e profundo sobre a cultura, a natureza e demais referências e experiências do saber (p. 30-31).

No capítulo primeiro, o autor reflete sobre o viés fenomenológico da criação poética, segundo o qual o poeta constitui-se pela experiência com o mundo e não por meio de determinismos biológicos e sociais ou por inspiração divina (p. 32). O poeta projeta sua visão sobre a realidade e conduz seu esforço criativo para transpor essa realidade (que não é reprodução, mas representação poética) para o texto, pois a poesia corporifica-se na figura do poeta: “no momento da criação, o organismo se desdobra, o corpo se movimenta, os sentidos acendem as lanternas da intuição, o olhar sensível capta as coisas da cultura, da natureza, para em seguida, surgir o poema, revelando a existência do poeta por meio das palavras” (p. 32-33). Não obstante, o tema da criação poética é controvertido e nenhuma teoria ou hipótese isolada o esgota.

No capítulo segundo, outro tema abordado por Ferreira foi o conceito e o alcance de “linguagem poética” à luz da fenomenologia. O caráter conotativo dessa linguagem foi bastante realçado pelo autor:

o corpo, por meio da poesia, revela-se e se oculta, ao mesmo tempo, como o sol quando nasce na aurora espetacular para depois ocultar-se no ocaso, repleto de imprevisibilidade para a noite que se aproxima [...]. Na palavra poética, a linguagem nunca se mostra como se espera. Ela pode estar à nossa frente e, de repente, se mostra de outra maneira, revelando outros sentidos e outras formas de ser, fugindo do pensamento pronto em busca de outras significações (p. 57).

O autor não exaure o debate sobre a questão da linguagem poética, mas tão somente desenvolve alguns aspectos fenomenológicos desse rico e amplo tema, ressaltando as mobilidades de sentido oferecidas.

No capítulo terceiro, o autor debate a *performance* poética, outro tema ajustado ao enfoque fenomenológico do livro e que pressupõe uma centralidade para a questão das experiências poéticas dos sujeitos: a declamação, a recitação e a leitura dramática, que é a expressão teatral de ambas.

No capítulo quarto, “A poesia educa”, Ferreira principia sua discussão nos seguintes termos: “o estado poético é um dos caminhos para o desenvolvimento de uma educação voltada para o sentido humano de ser e de perceber as coisas que estão relacionadas ao mundo da beleza, seja nas artes, seja na natureza” (p. 104). Nesse contexto de educação literária, ele defende que

vivenciar uma educação sensível, fulgurada pelas estrelas da poesia, proporciona ao homem uma melhor compreensão estética sobre as coisas da vida, ressignificando o viver e o mundo, sem a pretenciosa vontade de salvar a humanidade das mazelas espirituais, emocionais, sociais, econômicas, as quais estão presentes nas sociedades contemporâneas (p. 105).

Aqui, divergimos do entendimento sobre as várias funções da arte, em especial da poesia, dado que a fenomenologia defendida por Ferreira adentra mais na dimensão estética, um tanto apartada das discussões ideológicas suscitadas pela poesia, sobretudo em gêneros poéticos engajados e contestadores, como, por exemplo, o *rap* e o cordel, este último trabalhado pelo autor em suas oficinas no Rio Grande do Norte. Esse contraponto é necessário, visto que a assertiva citada se encontra exatamente no capítulo relativo à educação poética, de modo que, se for

enaltecida apenas a perspectiva estética, desprezar-se-á boa parte da produção questionadora da realidade social, pois as tensões entre indivíduo e sociedade estão na base de muitas criações atuais. O potencial desses textos para as discussões em sala de aula não pode ser desconsiderado, e estas também podem levar o leitor ao que autor chamou de “estado poético” (p. 105).

O fato de Ferreira ter privilegiado escolas do interior do Rio Grande do Norte revela, inclusive por suas críticas ao sistema capitalista, preocupação com os problemas sociais de acesso a um debate qualificado sobre poesia; tanto é assim, que o autor compartilhou seus saberes literários com professores e alunos, encorajando-os a mergulhar nos abissais dos sentidos poéticos. Desse modo, sua orientação de análise focada na dimensão estética de pendor fenomenológico, por mais aberta que seja, sugere certo desalinhamento em relação ao seu objetivo de socializar saberes literários com vistas a ressignificar “o viver e o mundo” (p. 105). Nessa dinâmica, estética e ideologia são duas faces da mesma medalha, e os estudantes precisam conviver com essas tensões que são da arte e da vida. O gosto e a beleza devem somar-se à análise crítica da realidade social.

Ainda no capítulo quarto, deu-se espaço aos sujeitos da pesquisa, que puderam, pelos relatos do autor, exercitar sua voz poética durante as oficinas, desfazendo eventuais interpretações equivocadas de que a poesia é uma esfera cultural pertencente às elites econômicas e intelectuais. Ao contrário, a poesia é patrimônio cultural de todos. Eis, portanto, o que diz uma das professoras participantes das oficinas: “poesia e educação juntas são um meio valioso de aprender e praticar o que se aprende, expressando seus sentimentos e respeitando o outro e suas opiniões” (p. 110). Entretanto, o enfoque dado pelo autor a essas experiências foi no sentido de levar aos alunos e aos professores o que eles, em tese, não tinham em seu arcabouço cultural.

Essa visão, mesmo que não intencional, pode sugerir uma abordagem apoiada em teorias de deficiência cultural, segundo as quais há necessidade de complementar as lacunas de formação dos sujeitos não pertencentes às classes sociais dominantes. Como Ferreira enfatiza o uso de poemas da literatura de cordel, há de se considerar que esse gênero está ligado à cultura dos participantes da pesquisa, e que o autor não apresentou a eles o dito gênero poético, mas oportunizou espaço e condições de autorreflexão poética reveladas pelas exposições orais dos professores e alunos durante as oficinas.

Em seu último capítulo, “Poslúdio do estado poético”, Ferreira reconhece as lacunas deixadas por sua obra, pois: “o corpo, a poesia e a educação são fenômenos inesgotáveis e, entrelaçados para a produção do conhecimento, possibilitam um leque imenso para o processo de investigação acadêmica” (p. 130). Assim, vigora o entendimento do autor de que, para uma educação literária plena, temos de ver, sentir, pensar, ler, ouvir, imaginar, sonhar, ensinar e aprender poeticamente, com vistas a superar, ou ao menos amenizar, as asperezas e dificuldades da atual realidade coisificada, automatizada e egoísta a que todos estão submetidos. Essa relação do leitor com a poesia não se confunde com uma espécie de autoajuda, como se o texto

poético fosse um remédio adocicado, mas deve ser entendida como forma iluminada e crítica de ampliação do conhecimento das realidades intra e extrassensoriais.

A obra de Ferreira é um exemplo de que os sentidos poéticos são abertos, e que também as formas de ensinar e de aprender tais gêneros textuais são plurais, por isso seu livro não está imune a questionamentos. O fato de ter conduzido seu trabalho de pesquisa com base no pensamento de Merleau-Ponty traz o benefício da manutenção do foco da investigação e da análise; contudo, em termos de exploração didática do texto poético, limita as formas de se ler poemas, por mais abrangente que seja a visão do filósofo francês.

Esse é de fato um dilema no ensino de literatura e de poesia, em especial, pois, como garantir a pluralidade de visões em termos de análise literária, ao mesmo tempo que se persegue a compreensão textual a ser construída em conjunto com alunos, muitos dos quais iniciantes nesse tipo de leitura incomum que é a literária e poética? O autor dá a sua contribuição ao oferecer uma entre as várias alternativas para tal desafio educacional, bem como um modo de concebê-la e executá-la. Dessa maneira, sua obra pode colaborar na construção de projetos de leitura e demais ações didáticas.

Assim, o livro de Ferreira é um convite, sobretudo, aos professores e estudantes de letras e de pedagogia, para, mediante experiências concretas de educação poética, refletirem sobre suas práticas nesse campo, conjugando esforços em torno de uma práxis pedagógica orientada, desde que determinada teoria não seja vista como panaceia ou via exclusiva de leitura do texto poético. O recorte dado pela fenomenologia não é o único possível para a reflexão literária, mas é um modo de ler o texto poético e, além disso, assinala a necessidade de o docente do campo literário realizar seus projetos didáticos com base em alguma das possibilidades teóricas a seu dispor, formando seu próprio corpo de ideias e de práticas de educação poética. O mesmo “olhar de estranhamento”, típico das análises fenomenológicas, poderá contribuir durante a leitura desta obra de Ferreira.

Helciclever Barros da Silva Vitoriano é doutorando em Literatura e Práticas Sociais na Universidade de Brasília (UnB) e membro do grupos de pesquisa Dramaturgia e Cinema (GPDC), da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp – Araraquara), e Literatura, Artes e Mídias (Liame), da UnB.

helciclever@gmail.com

Recebido em 19 de julho de 2018

Aprovado em 30 de julho de 2018